

A PANDEMIA E O CAPITALISMO INSERIDO NO DIGITAL

Brayan Arantes*

Há uma pandemia no mundo. Aulas canceladas. Fronteiras fechadas. Quarentenas mundiais. Mortes. Uma crescente sensação de desespero avoluma-se no ar, infiltrando os poros do corpo social, a repulsa primária e evolutiva do medo ameaçada pelo invasor virulento. O universo retorna ao seu estado de natureza, as ilusões capitalistas de lucro acima de tudo mostram-se insuficientes diante do perigo de perda. As fissuras do sistema monetário vigente alargam-se, expondo as feridas, as úlceras da falsidade do dinheiro. A maior doença atualmente não é o vírus que inconscientemente continua seu trabalho milenar de infecção e alastramento compulsório, mas sim, o mercado e suas desesperadas tentativas de manter-se em pé – altivo, onipresente, autoritário; e contrariamente ao vírus, intencional. Gritos ecoam na televisão sobre a queda da bolsa, o risco iminente da ruína da economia, o dólar que nunca para de aumentar. Gritos que são apenas assobios vindo das profundezas do cárcere do capital; para a população mundial a economia sempre esteve arruinada. Para a população mundial a bolsa sempre esteve caída. E o dólar, mesmo em sua mais baixa cotação, nunca foi comprado por ela.

Percebe-se agora que a funcionalidade do mundo não é mantida pelos políticos escondidos nas dobraduras do dinheiro público desviado, não são os donos de multinacionais que abstratamente investem na “bolsa” com a desculpa de produção de vagas de empregos com condições sub-humanas e salários torpes, não são os milionários herdeiros de fortunas ou participantes de esquemas corruptos escondidos em seus bunkers, não são os ricos pregadores da palavra de Deus que esgotam a energia e o pouco salário de seus fiéis em troca de falsas curas e promessas de entrada no paraíso.

Percebe-se agora que a funcionalidade do mundo é mantida pelos coletores de lixo, que acordam às quatro da manhã para limpar a cidade de seus resíduos, enquanto todos dormem e ninguém lhes encara a face. São os médicos que trabalham em hospitais públicos isolados e tratam da população que não possui nem carteira de

* Graduação em licenciatura e bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestrando no curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Sua pesquisa nas artes visuais se dedica a analisar a morte da matéria ao corroer metais com ácidos, gerando uma investigação pictórica debruçada diante da materialidade pictórica.

identidade. São os professores que ensinam, apesar de todas as dificuldades e humilhações, os filhos da sociedade universal. São as empregadas domésticas, os eletricitas, os padeiros, as mães. Os varredores de rua, os atendentes de telemarketing, os caixas de supermercado, as merendeiras. São as pessoas invisíveis que não possuem uma face pessoal, simbólica, única, e são sempre vistas como uma massa uniforme, como mão de obra, como uma possibilidade de exploração e enriquecimento. São vistas como um salário mínimo no final do mês para comerem, pagarem impostos e continuarem a trabalhar. Com o avanço do capitalismo testemunhamos mais apagamentos: os entregadores de comida por aplicativos, os freelancers, o contrato falado de muitas obrigações e poucos direitos. Sem carteira assinada, sem férias, sem remuneração digna. Sem leis trabalhistas, sem décimo terceiro, sem garantia caso ocorra acidentes.

Essas pessoas em massa compõem toda a estrutura trabalhista do mundo. O capitalismo, em seu jogo perverso, induz-as a acreditarem que não estão trabalhando o suficiente, que não merecem ocupar uma posição mais elevada na escada hierárquica do dinheiro.

Mas a perversão real é anterior: ela se formula a partir da alienação. A alienação da população pobre que trabalha exaustivamente para comer e não tem tempo nem disposição para refletir sobre o sistema que as escravizam e as tornam mão de obra barata e facilmente descartável. A alienação dos produtos produzidos pelo proletariado que não se reconhece como produtores, mas sim consumidores. Nasce-se dessa política de alienação a entropia dupla do esgotamento da força de trabalho e do apagamento dos indivíduos em consumidores. O consumo é a força máxima da entropia capitalista que tenta adiar seu próprio fim.

A Terra assiste todos estes problemas e sofre ela também a dor da exploração. Sua barriga é aberta por pontiagudas estruturas em busca de ouro, diamante e petróleo. Árvores serradas ao meio, manchas de óleo vazado nos oceanos fazem poças escuras e impermeáveis, explosões atômicas contaminando continentes. Plástico engolido a força pelos seres aquáticos, montanhas de lixo esculpidas pelo dizer máximo da produção exacerbada. Ruídos elétricos, densa fumaça expelida por escapamentos e chaminés industriais. Acinzentamento da paisagem urbana atolada de prédios, concreto e sujeira.

Desmatem as florestas! Quebrem as rochas! Mudem os cursos naturais dos rios! Plantem soja, milho e trigo para a exportação! Chega de biodiversidade – eles gritam – chega de proteção ao meio ambiente! Chega de lutas trabalhistas! Chega de educação, saúde, dignidade! Eles defendem a aniquilação da Terra em troca de quantias exorbitantes de dinheiro que nem existem materialmente, acumulam números abstratos em sistemas bancários.

Enquanto isso o planeta derrete. Enquanto isso o gelo esvai-se sufocado pelos gases do efeito estufa, como água ele escorre em direção à entropia. Os números da temperatura sobem drasticamente, as chuvas com mais frequência transformam-se em tempestades, relâmpagos e inundações.

A epidemia de hoje não é repentina, não nasceu no início de 2020. Pelo contrário, já estávamos todos inseridos em uma epidemia econômica, social e política. A mudança, o susto, o terror, é que esta preocupante epidemia viral é biológica e não sintética. Por isso o assombro, por isso os maxilares abertos com horror: porque fomos lembrados de nossa vulnerabilidade. Dói lembrarmos que somos carne, porque o sistema que vivemos tenta a todo momento obliterar-nos desse fato.

Na folha de pagamento há números, na certidão de nascimento há datas, no cpf mais números, na chamada da escola, no valor do transporte, no pão e açúcar. Horário de entrada e saída do trabalho, com pausa durante a jornada para que a exploração se encaixe em uma lei suspeita de respeito ao ser humano, criada por pessoas que nunca trabalharam as horas por elas estipuladas.

A mão ergue-se palpitante e toca no ombro com os dedos espriados, debaixo da pele a rigidez calcária do osso. A orelha treme inquieta ao escutar as notícias aterrorizantes da propagação epidêmica, a cartilagem mapeada em curvatura. Os olhos dilatados fixam-se no horizonte do colapso, imaginando cenários de total devastação. Os pulmões aceleram seu ciclo perene de cheia e esvaziamento.

Nenhum metal pode retirar a corporeidade de nossa natureza animalesca. A carne, o tendão e articulações são mais fortes do que o aço, e gritam mais alto que a hierarquia social. É um ponto de união: comum, irrevogável e comunitário.

Antes havia um silêncio de resignação, úmido e cálido, como um zumbido que está por vir, mas nunca se concretiza. Assistia-se a derrocada do sistema falido, o enriquecimento exacerbado de minorias, a pobreza acentuada de bilhões. A retirada de direitos e aumento dos impostos. Agora há um novo cheiro no ar, cruzando as rosáceas da aurora. É o cheiro do despertar. Dizemos: a vida vale mais do que o emprego! O patrão continua a explorar: sem quarentena para os trabalhadores, a eles nada será dado, mas por eles tudo será construído.

O planeta assiste e também precisa sangrar, e sua vingança recai sobre nós. Demonstra-se a interconectividade humana, a unidade coletiva do social. Mostra-se mais uma vez que a ideia de sucesso individual e meritocrático é falsa. Mas as mentiras continuam a se espalhar.

O estado intervê, cedendo taxas bilionárias aos bancos do contrato social quebrado, da malícia dos impostos não pagos, e aos pobres dão 600 reais, depois cortam pela metade, 300 reais para a sociedade que nunca dorme.

Falsos profetas multiplicam-se na rápida digitalização do real. Falam contra demônios, enquanto oferecem na outra mão maneiras de depósitos online para o seu enriquecimento.

Outros, negam a ciência, batendo no peito enquanto discorrem sobre a invenção do vírus, dizem que ele não existe. Incentivados politicamente nas pautas neoliberais de ódio ao conhecimento, de ódio ao estudo, e de muito amor às retóricas em tom raivoso. Como crianças acreditam no homem em cima de um palanque que gritando nada diz, pois ele mesmo, nunca teve nada a dizer além de: odeiem! Matem! Destruam-se! Como crianças assustadas, repetem para eles mesmos as palavras dos homens no poder, que proferem exatamente aquilo que eles desejam ouvir. Este eco terrível de mentiras alastra-se no país inteiro, crianças que acreditam cegamente no que desejam acreditar. Crianças velhas, cansadas, mas que nunca perderam a crença de que não são o centro do mundo.

As vozes dizem: não há incêndios, não há corrupção, não há dor, morte e sofrimento. Eles repetem.

Não há necessidade de usar máscaras, chamam-na de mordaza ideológica, quando nem mesmo conhecem a amplitude conceitual, política e histórica do termo ideologia. Para eles, ideológico quer dizer: tudo o que eu não concordo. Enquanto isso os números de contaminados e mortos aumentam, enquanto isso os hospitais ficam mais atolados.

A economia já desfalecida, agora em ruínas, dói no preço do arroz e do feijão. Os políticos unidos, não tentam mudar esta realidade, pelo contrário, aproveitam-se dela como abutres: afinal de contas é ano eleitoral! Pagam ninharias para pessoas pobres levantarem bandeiras com suas imagens e números, distribuam santinhos encharcados de falsas promessas, pagam propagandas nos rádios, pagam carros de som, pagam até mesmo na surdina esquemas de divulgação desconhecidos para nós, população. E sorriem, com o riso de quem deseja manipular a máquina pública em seu próprio proveito.

Observa-se a nova máquina do digital moralmente corrupta. Somos bombardeados de intermináveis propagandas desconexas anunciando-nos produtos voláteis, insinceros, insípidos e substituíveis. Somos oferecidos ilusões imagéticas através dos filtros e edições do corpo humano que o cortam, dilaceram, adornam, transmutam até sua irreconhecibilidade, até sua dissolução em uma coisa outra, que no fim vem a ser a mesma dos milhares de fantoches que as copiaram. Vemos o mesmo rosto, o mesmo sorriso. Cerram-se os dentes até sua quase extinção, dentes saudáveis, fortes, para colocarem uma máscara retangular e estupidamente branca. Novamente nos vemos diante dele, do branco, da alvura europeia, da realeza racial, da irreabilidade da própria constituição física, biologicamente formulada, do dente. Contemplamos as faces mexidas, moídas pelo bisturi. Cada vez a idade abaixa, cada vez mais jovem devemos passar pelo procedimento do corte, do rasgo, da dor. Coloquem mais ácido hialurônico! Mudem suas feições para se aceitarem como vocês verdadeiramente são! Adquiram o mesmo rosto dos clones indissociáveis do capitalismo! Tenham a pele perfeita que nenhum humano naturalmente tem, paguem muito dinheiro para esconder seus poros, para afinar o nariz, para serem engolidos e vomitados na máquina de xerox do capital contemporâneo. O sistema que promete diversidade e diversificação enquanto só produz cópias.

Nós as percebemos em todos os locais, ao rolarmos o *feed* as vemos com o mesmo tom de saturação alaranjado, com a mesma dança de uma música viral, com uma linguagem modulada à venda de um produto, produto digital que é a imagem, que é a ausência de sentido personificada em pixels. A abstração total do humano, para que nele possa-se projetar a propaganda desejada. O corpo, o corpo inserido no digital, são os novos outdoors, não ocupam espaço, não trazem a fisicalidade de sua materialidade, incomodam menos. Ocupam menos. Doem menos.

Pautas são levantadas, discursos são feitos, política e politicagem confundem-se neste teatro. Tudo milimetricamente curado para não espantar marcas, patrocinadores. Mas estes patrocinam o que exatamente? Sabemos quem são estes corpos escolhidos, sabemos quem tem visibilidade e o porquê, sabemos da lógica perversa por trás de toda a arquitetura das imagens digitais. Mas escolhemos afugentá-las, pois elas estruturam-se na mesma máquina do mundo físico, na política neoliberal capitalista, na falsa ideia da liberdade em um sistema de morte, de cisão exploratória.

O digital antes visto como uma possível maneira de descentralização das estruturas hierárquicas exclusivas de poder, tornou-se mais uma ferramenta de controle, de massificação, de emburrecimento e divisão. Tornou-se o que as mídias televisivas eram no século passado; uma tela sucessiva de imagens e propagandas.

A epidemia agravou esses sintomas: com o aumento do home office associado ao fechamento de certos locais externos à casa; a população mundial voltou-se ao consumo irrefreável de conteúdos digitais. Assistimos todos os tipos de inovações estilísticas que hoje estão enterradas por meses de postagens mais recentes, como um estrato geológico da internet – diante do qual tudo se torna obsoleto após minutos de seu nascimento e propagação. Assistimos as propagandas mais incansáveis, mais presentes, mais adaptadas a esse meio fluido do digital.

Ao clicarmos nas abas de pesquisa vemos: blogueiras oferecendo vidas irreais, atores posando ao lado de produtos alimentícios, cantores alternativos patrocinados com bebidas nas mãos. Novamente a imagem retocada, novamente as alterações no ambiente, o repúdio ao real. Na digitalidade do capitalismo não há interesse pelo mundo como ele nos aparece, inclusive os assuntos de grande importância são transformados em possibilidades de empreendedorismo e comercialização: a destruição dos biomas

brasileiros é cooptada pelas grandes indústrias estéticas que dizem, ao extraírem materiais orgânicos para produção de cosméticos, estarem investindo em reflorestamento e remunerando sustentavelmente seus trabalhadores.

A alienação por programas de entretenimento que possuem sua segunda vida enraizada na participação digital dos espectadores tornou-se mais explícita, mais raivosa e até mesmo desejada. Diante das dificuldades trazidas pela ineficácia do governo em manter a vida digna dos trabalhadores perante a disseminação do vírus, a sociedade busca uma maneira de fugir do real, ainda que brevemente.

O que ocorre nestes programas é calculado para incitar o ódio, a idolatria, o cegamento ideológico para, conseqüentemente, ser compulsoriamente assistido. Vê-se brigas arquitetadas pelos próprios moldes perversos dos jogos, vê-se representatividades ilusórias, vê-se manipulações mesquinhas, horrores e impropérios desferidos entre os participantes.

Estes funcionam na mesma lógica do capital: na divisão, na disputa, no acúmulo desenfreado de riquezas, no ódio, na alienação, no esquecimento de classes, na mentira. O que se pensa ser uma alienação da vida, é, pelo contrário, pautado nas próprias práticas neoliberais que regem o capitalismo atual: o espectador não está fugindo, o oposto é a verdade, este encontra-se imerso em sua própria realidade. Um pouco manipulada, um pouco distorcida, mas, ainda sim, real.

O digital trouxe-nos provas de que tudo vale no reino do entretenimento desde que seja rentável. A criação de uma nova forma de exploração da qual nós voluntariamente participamos cada vez que descemos o *feed* em direção a mais um momento facilmente esquecível, em direção ao abismo do consumo descartável, da perda do tempo. Da massificação.

Todas essas ramificações da persistência e proliferação do capitalismo inserido no universo digital já estavam estabelecidas antes da pandemia. O momento de pausa da vida cotidiana, por sua vez, a cisão repentina do sonambulismo que estávamos antes imersos, é que nos acordou com um choque assombroso diante dessas práticas. Anteriormente, passo a passo, aceitávamos com normalidade a invasão e a conquista dos espaços digitais pelo vírus do capital. Acostumamo-nos com seu adentramento

sorrateiro em nossas mídias sociais, em nossas notícias eletrônicas, em nossa vida privada.

A pandemia deixou-nos vulnerável diante da realidade do mundo que antes tentávamos fugir. Um mundo de desigualdades, de desprezo por nossos próprios representantes políticos, de enriquecimento dos bilionários e empobrecimento do restante da população. O questionamento do vírus não pode resumir-se no reino dos seres vivos, na linguagem cientificista, na análise epidemiológica. Enquanto cidadãos devemos analisar nossos próprios vírus sociais, econômicos, políticos, uma vez que o propósito dos vírus são, em grande parte, a morte de seu hospedeiro.